



*O Setor  
da Construção  
em Portugal  
2013  
1º semestre*

---

**Novembro**

**2013**



---

Ficha Técnica

**Título:**

Relatório Semestral do Setor da Construção em Portugal | 1º Sem. 2013

**Autoria:**

Catarina Gil

**Coordenação Geral:**

Pedro Ministro

Direção Financeira, de Estudos e de Estratégia  
Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.  
Av. Júlio Dinis, 11  
1069-010 Lisboa  
Telefone: 217 946 700 | Fax: 217 946 799 | Email: geral@inci.pt

---

## Índice

1. Enquadramento Macroeconómico.....	5
1.1. Produto Interno Bruto.....	5
1.2. Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF).....	6
1.3. O Valor Acrescentado Bruto (VAB).....	7
1.4. O Índice de Preços no Consumidor.....	8
1.5. O Mercado de Trabalho .....	9
2. O mercado em Portugal - indicadores setoriais.....	11
2.1. Contextualização .....	11
2.2. Obras Particulares - Licenciadas e Concluídas.....	11
2.3. Taxa de Juro Implícita.....	13
2.4. Valores médios de avaliação bancária .....	14
2.5. Índice de produção na construção e obras públicas.....	15
2.6. Vendas de cimento para o mercado interno.....	15
2.7. Índice de custos de construção .....	16
2.8. Segurança no trabalho.....	16
3. O tecido empresarial do setor da construção .....	17
3.1. Títulos válidos a 30 de junho.....	17
3.1.1. Distribuição por classe de alvarás.....	18
3.1.2. Distribuição geográfica.....	19
4. Síntese .....	20
5. Fontes Estatísticas.....	21

**Quadros**

Quadro 1 – Composição do crescimento em volume do Produto Interno Bruto – taxas de variação homóloga (%) ..	5
Quadro 2 – Composição do crescimento em valor (preços correntes) do Produto Interno Bruto.....	6
Quadro 3 – Formação Bruta de Capital Fixo – dados encadeados em volume.....	6
Quadro 4 – Crescimento em volume do VAB .....	7
Quadro 5 – Valores médios de avaliação bancária – Habitação (Euros/m <sup>2</sup> ).....	14
Quadro 6 – Vendas de cimento para o mercado interno (milhares de toneladas) .....	15
Quadro 7 – Classes de alvarás.....	17
Quadro 8 – Distribuição do número de empresas por classe de alvará .....	18

**Gráficos**

Gráfico 1 – Formação Bruta de Capital Fixo – dados encadeados em volume (taxas de variação homóloga %).....	7
Gráfico 2 – Valor Acrescentado Bruto – dados encadeados (taxas de variação homóloga %) .....	8
Gráfico 3 – Índice de Preços ao Consumidor (Taxa de variação homóloga %).....	8
Gráfico 4 – Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (Taxa de variação homóloga %).....	9
Gráfico 5 – População empregada - Variação Homóloga (%).....	9
Gráfico 6 – Emprego na Construção / Emprego Total (%) .....	10
Gráfico 7 – Número de Obras Licenciadas e Concluídas por trimestre .....	12
Gráfico 8 – Número de fogos licenciados e concluídos por Região (1ºT e 2ºT de 2013).....	12
Gráfico 9 – Taxa de juro implícita .....	13
Gráfico 10 – Crédito à habitação por destino de financiamento.....	13
Gráfico 11 – Evolução dos valores médios de avaliação bancária (valores em euros/m <sup>2</sup> ).....	14
Gráfico 12 – Índices brutos de produção .....	15
Gráfico 13 – Índice de custos de construção de habitação nova (variação homóloga %).....	16
Gráfico 14 – Número de acidentes de trabalho mortais .....	16
Gráfico 15 – Títulos habilitantes válidos a 30 de Junho de 2013 .....	17
Gráfico 16 – Distribuição de Alvarás por Região NUT II (junho de 2013).....	19
Gráfico 17 – Distribuição de Títulos de Registo por Região NUT II (junho de 2013) .....	19

## 1. ENQUADRAMENTO MACROECONÓMICO

Na sequência da implementação do processo de ajustamento da economia portuguesa, iniciado no 1º semestre de 2011, processo este caracterizado pela implementação de fortes medidas restritivas da Política Orçamental e reafectação dos recursos na economia, a economia portuguesa em 2013 começa a apresentar alguns sinais tímidos de evolução ainda que com uma contração significativa.

Segundo o Banco de Portugal, o ano de 2013 tem-se caracterizado por uma ligeira melhoria das condições de financiamento, que se mantêm no entanto em níveis restritivos.

A ambiguidade na resolução da crise da dívida soberana na área do Euro continua a contribuir para um elevado nível de incerteza e de aversão ao risco na economia portuguesa.

A política orçamental portuguesa manteve uma orientação contracionista que deverá prosseguir para dar cumprimento à redução do défice orçamental bem como regular o financiamento desta economia.

Em relação ao setor da construção, o investimento no 2º trimestre de 2013 registou quedas de 13% face ao mesmo período de 2012 e de 1,0% face ao 1º trimestre de 2013. Variações que embora negativas apresentam um certo abrandamento na tendência de queda nos últimos anos.

### 1.1. Produto Interno Bruto

A crise económica portuguesa tem tido consequências ao nível da desaceleração do Produto Interno Bruto. Desde 2008 que a atividade económica tem vindo a diminuir, com exceção de 2010, que registou uma ligeira recuperação no entanto logo em 2011 reiterou a queda na atividade de -1,6% e em 2012 com -3,2%. Nos dois primeiros trimestres de 2013, a atividade económica volta a registar abrandamento contribuindo para um elevado grau de incerteza e para uma revisão em baixa das perspetivas de crescimento económico.

Quadro 1 – Composição do crescimento em volume do Produto Interno Bruto – taxas de variação homóloga (%)

	1ºT/12	2ºT/12	3ºT/12	4ºT/12	1ºT/13	2ºT/13
Procura Interna	-6,8	-8,3	-7,0	-4,4	-6,0	-2,6
Exportações	8,0	3,2	1,5	0,2	0,7	7,3
Importações	-5,6	-11,0	-8,0	-1,6	-4,2	6,3
<b>PIB</b>	<b>-2,4</b>	<b>-3,2</b>	<b>-3,6</b>	<b>-3,8</b>	<b>-4,1</b>	<b>-2,1</b>

Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

Analisando a evolução trimestral, constata-se que a atividade económica nos dois primeiros trimestres de 2013 apresenta uma queda de -4,1% no 1º trimestre e -2,1% no 2º trimestre, seguindo a tendência dos trimestres anteriores.

De acordo com os dados disponibilizados pelo INE, este comportamento refletiu sobretudo o contributo negativo menos expressivo da Procura Interna em resultado da diminuição do Investimento. Também o contributo da procura externa líquida diminuiu no 2º trimestre, devido ao aumento das importações de bens e serviços e a uma aceleração nas exportações de bens e serviços.

Quadro 2 – Composição do crescimento em valor (preços correntes) do Produto Interno Bruto

*Unidade: milhões de euros*

	1ºT/12	2ºT/12	3ºT/12	4ºT/12	1ºT/13	2ºT/13
Procura Interna	42.819,1	41.103,8	41.349,4	40.905,0	40.245,9	40.497,1
Exportações	16.013,2	15.898,2	16.074,8	15.895,9	16.193,3	16.904,5
Importações	16.720,6	15.820,9	16.189,0	16.155,2	15.734,6	16.298,0
<b>PIB</b>	<b>42.111,7</b>	<b>41.181,1</b>	<b>41.235,2</b>	<b>40.645,7</b>	<b>40.704,6</b>	<b>41.103,6</b>

Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

## 1.2. Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)

A Formação Bruta de Capital Fixo tem tido um comportamento negativo ao longo dos últimos trimestres, com principal destaque para o 1º trimestre de 2013 com uma variação negativa de -15,9%. O 2º trimestre registou também uma variação negativa, mas menos acentuada com -2,3%.

Quadro 3 – Formação Bruta de Capital Fixo – dados encadeados em volume

*Unidade: milhões de euros*

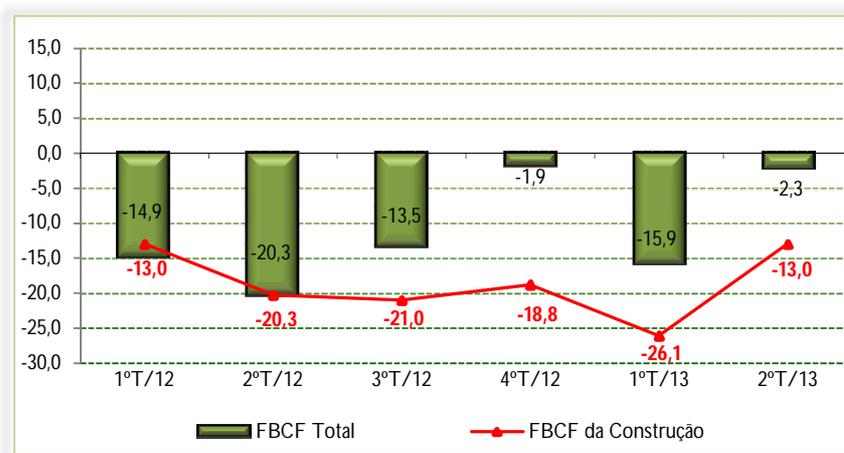
	1ºT/12	2ºT/12	3ºT/12	4ºT/12	1ºT/13	2ºT/13
<b>FBCF Total</b>	6.879,6	6.117,9	6.307,4	6.347,4	5.784,5	5.974,3
Taxas de Variação homóloga (%)	-14,9	-20,3	-13,5	-1,9	-15,9	-2,3
<b>FBCF da Construção</b>	3.994,1	3.359,8	3.260,3	3.127,1	2.951,5	2.921,9
Taxas de Variação homóloga (%)	-13,0	-20,3	-21,0	-18,8	-26,1	-13,0

Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

A FBCF da Construção, por seu lado, acompanhou a tendência da FBCF Total. O 2º trimestre deste ano registou a variação negativa menos acentuada que nos trimestres anteriores, com -13%.

Segundo dados do INE, a FBCF no setor da construção foi a componente que mais contribuiu para a evolução menos negativa do Investimento no 2º trimestre de 2013, passando de -26,1% para -13,0%. Destaca-se também o aumento da FBCF em equipamentos de transporte que registou uma variação homóloga de 31,5%% face ao trimestre anterior de 2013.

Gráfico 1 – Formação Bruta de Capital Fixo – dados encadeados em volume (taxas de variação homóloga %)



Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

### 1.3. O Valor Acrescentado Bruto (VAB)

À semelhança dos anteriores indicadores macroeconómicos, também o Valor Acrescentado Bruto apresentou um fraco desempenho nos dois primeiros trimestres de 2013. Registou variações homólogas negativas de -3,7% para o 1º e -1,7% para o 2º trimestre.

Quadro 4 – Crescimento em volume do VAB

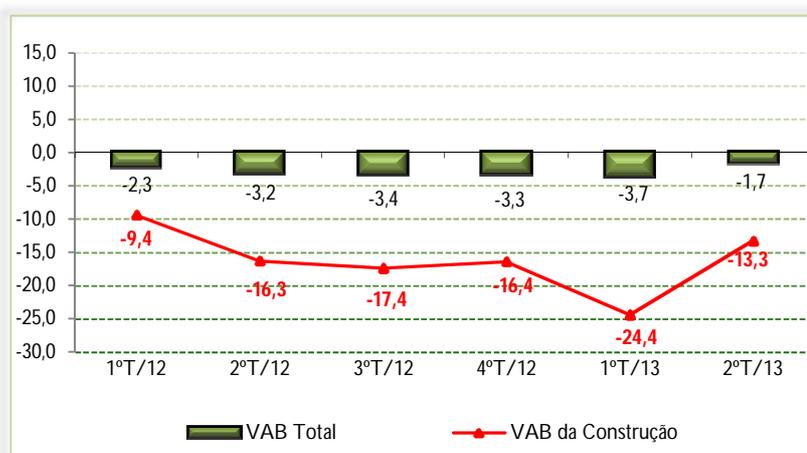
*Unidade: milhões de euros*

	1ºT/12	2ºT/12	3ºT/12	4ºT/12	1ºT/13	2ºT/13
<b>VAB Total</b>	39.581,5	39.155,1	38.912,3	38.291,0	38.102,5	38.498,1
Taxas de Variação homóloga (%)	-2,3	-3,2	-3,4	-3,3	-3,7	-1,7
<b>VAB da Construção</b>	1.819,0	1.606,8	1.549,4	1.463,4	1.374,5	1.392,4
Taxas de Variação homóloga (%)	-9,4	-16,3	-17,4	-16,4	-24,4	-13,3

Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

O VAB da construção apresentou, por seu lado, uma acentuada diminuição no 1º trimestre de 2013, com -24,4%, passando para uma variação menos acentuada no 2º trimestre (-13,3%).

Gráfico 2 – Valor Acrescentado Bruto – dados encadeados (taxas de variação homóloga %)

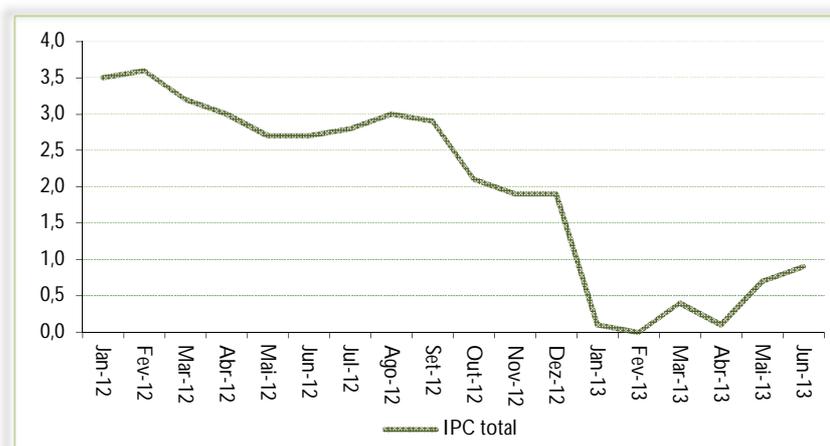


Fonte: INE Contas Nacionais Trimestrais – 2º trimestre de 2013

#### 1.4. O Índice de Preços no Consumidor

Em junho de 2013, a taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) situou-se em 1,0%, superior em 0,3 p.p. à observada no mês anterior.

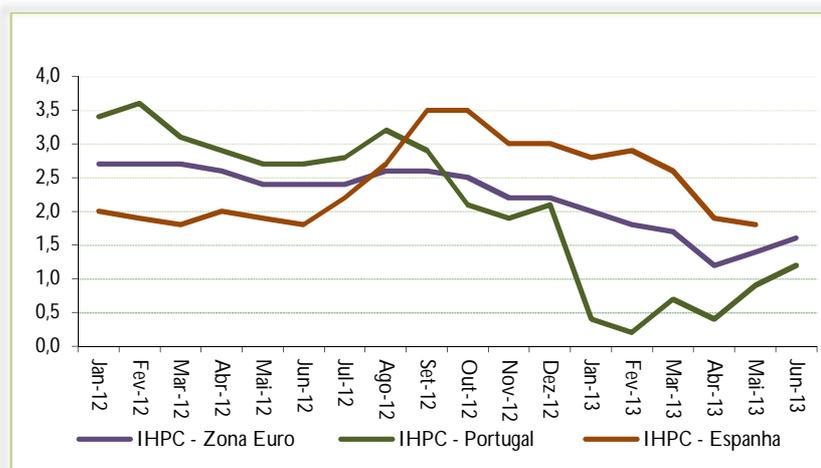
Gráfico 3 – Índice de Preços ao Consumidor (Taxa de variação homóloga %)



Fonte: INE Índice de Preços no Consumidor – junho de 2013

O Índice Harmonizado de Preços (IHPC) português registou também uma variação homóloga de 1,2%, superior em 0,4 p.p. à estimada pelo Eurostat para a área do Euro.

Gráfico 4 – Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (Taxa de variação homóloga %)



Fonte: INE Índice de Preços no Consumidor – junho de 2013

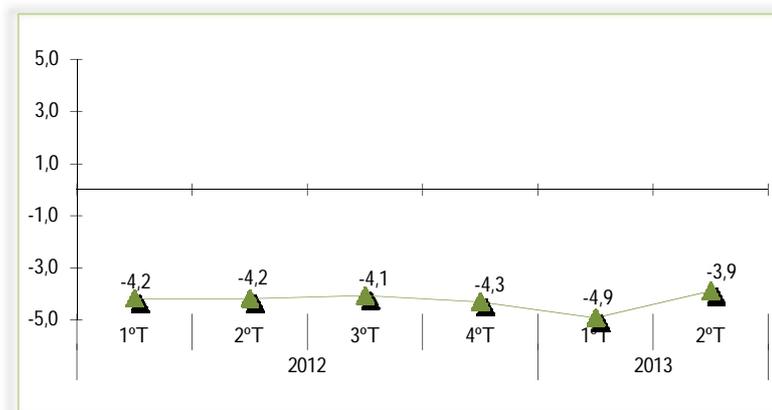
## 1.5. O Mercado de Trabalho

### O Emprego

De acordo com as estatísticas de emprego do INE, relativas ao 2º trimestre de 2013, a população ativa situava-se nos 5.5391,6 mil indivíduos, traduzindo um acréscimo de 0,1% em relação ao 1º trimestre (cerca de 6,2 mil indivíduos).

Em relação à população empregada, num total de 4.505,56 mil indivíduos no 2º trimestre de 2013 registou um acréscimo trimestral de 1,6%. No entanto em relação ao período homólogo de 2012 registou uma diminuição de 3,9% (cerca de 182,6 mil indivíduos).

Gráfico 5 – População empregada - Variação Homóloga (%)

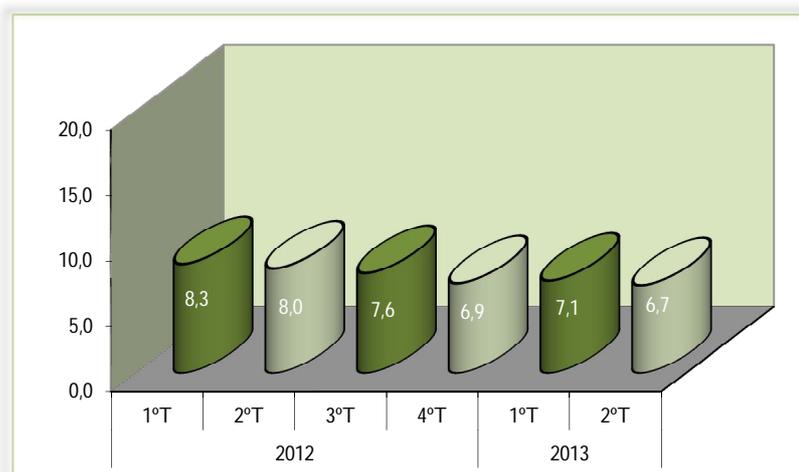


Fonte: INE - Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2013

Acompanhando a tendência da economia, o setor da construção registou, no 2º trimestre de 2013, uma variação homóloga de -19,4% em relação ao mesmo período de 2012.

Em relação ao peso que este setor tem no emprego total, o 2º trimestre registou uma ligeira diminuição de 6,7% em relação ao trimestre anterior, passando de 7,1% para 6,7%, correspondendo a 301,9 mil indivíduos.

Gráfico 6 – Emprego na Construção / Emprego Total (%)



Fonte: INE - Estatísticas do Emprego - 2º trimestre de 2013

## 2. O MERCADO EM PORTUGAL - INDICADORES SETORIAIS

### 2.1. Contextualização

Em 2013, relativamente aos primeiros dois trimestres, a produção do setor da construção voltou a registar uma quebra em termos reais.

A dificuldade no acesso ao crédito, à qual se juntam problemas específicos do setor, agravaram significativamente a tesouraria das empresas, influenciando o investimento público e privado.

Comparando com o mesmo período de 2008 (início da crise), verifica-se que o número de obras licenciadas foi cerca de 20 mil face a 2013 com cerca de 8,6 mil. A mesma comparação para as obras concluídas em que nos primeiros dois trimestres de 2008 ascenderam a 19 mil e no mesmo período de 2013 não ultrapassam os 11 mil.

A atividade da construção movimentava vários setores, a montante e a jusante da sua cadeia de produção, daí decorrendo que seja considerado um dos setores impulsionadores da economia nacional, não só pelo seu peso específico na criação de riqueza como também de emprego, tendo em conta o seu óbvio efeito multiplicador, sendo, por isso, uma atividade fundamental para o crescimento da economia.

### 2.2. Obras Particulares - Licenciadas e Concluídas

Pela análise do gráfico 7, verifica-se que a tendência de evolução do número de edifícios licenciados<sup>1</sup> tem acompanhado o número de edifícios concluídos<sup>2</sup>.

No 2º trimestre de 2013 foram licenciados cerca de 4,3 mil edifícios (aproximadamente -18% em relação ao mesmo trimestre de 2012) e concluídos cerca de 5,2 mil edifícios (aproximadamente -17% em relação ao mesmo trimestre de 2012).

Comparando com o 1º trimestre de 2013, o número de edifícios licenciados registou uma descida de 1,7% e os edifícios concluídos registam uma variação também negativa de 2,7%.

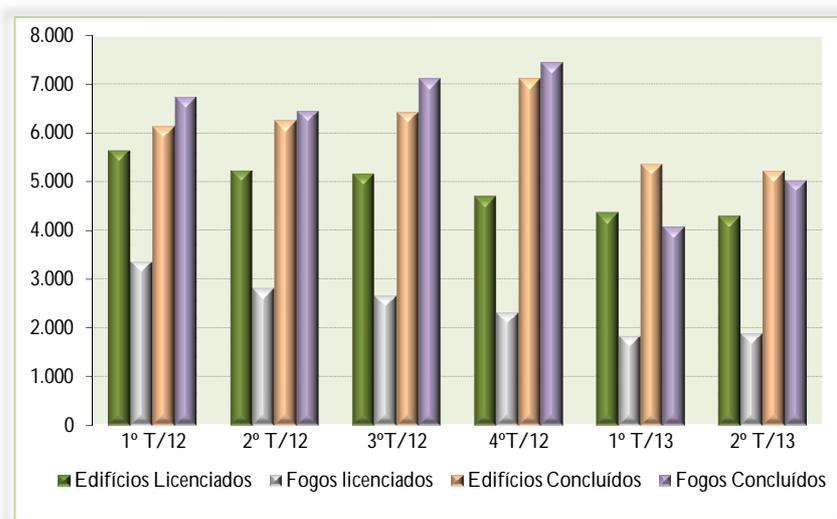
Em relação ao número de fogos licenciados e concluídos destacam-se as discrepâncias nestes ao longo de 2012 e nos dois trimestres de 2013, que poderão ser explicadas pela crise já mencionada, razões pelas quais o setor da construção retraiu o investimento nesta componente, limitando-se praticamente a concluir o que já estava iniciado.

Refira-se ainda o decréscimo acentuado de licenciamento de fogos em construções novas: 3,7 mil licenciamentos nos dois primeiros trimestres de 2013, quando no mesmo período de 2012 tinha ultrapassado os 6 mil, o que corresponde a uma diminuição de cerca de 40%, podendo indiciar uma transformação estrutural no setor.

<sup>1</sup> O total de edifícios licenciados inclui construções novas, ampliações, alterações, reconstruções e demolições de edifícios.

<sup>2</sup> O total de edifícios concluídos inclui construções novas, ampliações, alterações e reconstruções de edifícios.

Gráfico 7 – Número de Obras Licenciadas e Concluídas por trimestre



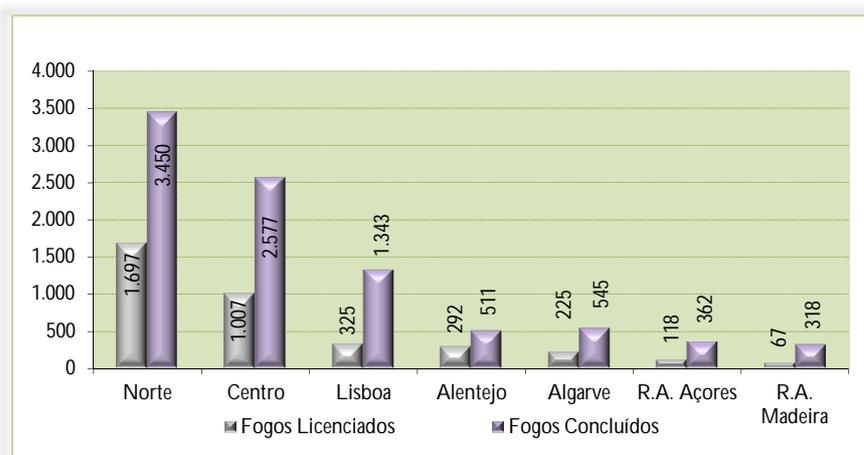
Fonte: INE

Observando o gráfico seguinte verifica-se quais são as Regiões com maior e menor representatividade no número total de fogos licenciados e concluídos nos dois primeiros trimestres de 2013.

Assim, a Região Norte representa cerca de 45,4%, enquanto a Região Autónoma da Madeira representa apenas 1,8% no número total de fogos licenciados.

É também a região Norte a mais significativa no número total de fogos concluídos, que representa 37,8% do total, enquanto a Região Autónoma da Madeira representa apenas 3,4%.

Gráfico 8 – Número de fogos licenciados e concluídos por Região (1ºT e 2ºT de 2013)

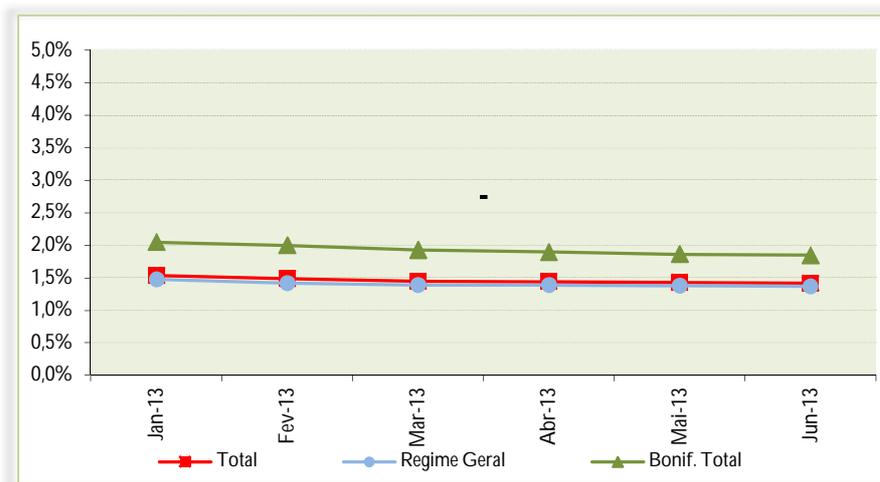


Fonte: INE

### 2.3. Taxa de Juro Implícita

A taxa de juro implícita<sup>3</sup> no conjunto dos contratos de crédito à habitação fixou-se, no mês de junho de 2013, em 1,4%, diminuindo 0,01 p.p. face ao mês anterior.

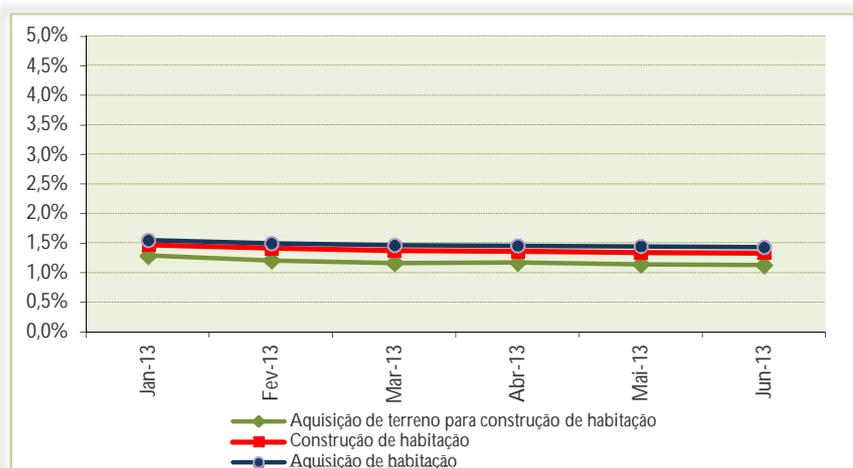
Gráfico 9 – Taxa de juro implícita



Fonte: INE

Segundo dados do INE, o valor do capital médio em dívida para a totalidade dos contratos de crédito à habitação foi de 58.360 euros (registando uma diminuição de 90 euros face ao mês anterior).

Gráfico 10 – Crédito à habitação por destino de financiamento



Fonte: INE

<sup>3</sup> A taxa de juro implícita no crédito à habitação reflete a relação entre os juros totais vencidos no mês de referência e o capital em dívida no início desse mês.

Observando o gráfico anterior, em junho de 2013 a taxa de juro implícita nos contratos com destino à Aquisição de Terreno para Construção de Habitação, para Construção de Habitação e para Aquisição de Habitação foram 1,1%, 1,3% e 1,4%, respetivamente, mantendo-se praticamente idênticas às observadas em maio do mesmo ano.

#### 2.4. Valores médios de avaliação bancária

Em junho de 2013, o valor médio de avaliação bancária de habitação do total do país situou-se em 1.014 euros/m<sup>2</sup>, correspondendo a um aumento de 18 euros/m<sup>2</sup>.

Com exceção da RA da Madeira, todas as regiões NUTS II registaram em junho aumentos nos valores médios de avaliação face a maio do mesmo ano.

Quadro 5 – Valores médios de avaliação bancária – Habitação (Euros/m<sup>2</sup>)

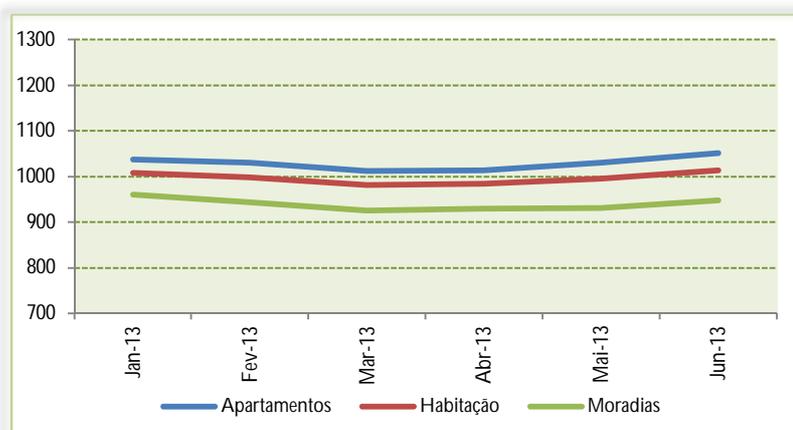
	Jan 13	Fev 13	Mar 13	Abr 13	Mai 13	Jun 13
<b>Portugal</b>	1.008	998	981	984	996	1.014
Norte	885	878	874	880	879	886
Centro	848	832	814	828	833	852
Lisboa	1.193	1.183	1.148	1.146	1.168	1.197
Alentejo	925	927	893	876	858	885
Algarve	1.268	1.213	1.192	1.183	1.228	1.256
RA Açores	964	962	948	935	949	959
RA Madeira	1.366	1.376	1.355	1.246	1.210	1.204

Fonte: INE

Nota: Valores que correspondem à média de todos os valores de avaliação bancária de habitação

Observando o gráfico seguinte verifica-se que o valor médio da avaliação bancária, nos três segmentos, tem tido o mesmo comportamento ao longo do ano de 2013, situando-se o valor dos apartamentos em 1.051 euros/m<sup>2</sup> e o das moradias em 948 euros/m<sup>2</sup>.

Gráfico 11 – Evolução dos valores médios de avaliação bancária (valores em euros/m<sup>2</sup>)

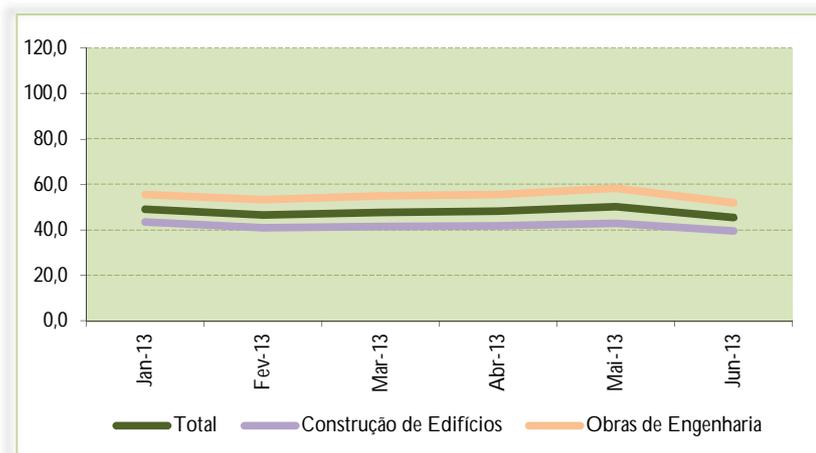


Fonte: INE

## 2.5. Índice de produção na construção e obras públicas

Segundo dados disponibilizados pelo INE, a produção na construção, corrigida dos efeitos de calendário e da sazonalidade e tendo como base a média dos últimos três meses apresentou em junho de 2013, uma variação homóloga de -16,3%, redução menos intensa que a verificada no mês anterior (-19,2%).

Gráfico 12 – Índices brutos de produção



Fonte: INE

Os dois segmentos observados tiveram o mesmo comportamento. O segmento da construção de edifícios apresentou em junho uma variação negativa de 16,5% face ao mês anterior, assim como o segmento da engenharia civil registou, igualmente, uma variação negativa de 16,1%.

## 2.6. Vendas de cimento para o mercado interno

Quadro 6 – Vendas de cimento para o mercado interno (milhares de toneladas)

	2012					2013				
	1º T	2º T	3º T	4º T	Total	1º T	2º T	3º T	4º T	Total
	1.012	857	814	660	3.303	593	672			1.265
	1º T	2º T	3º T	4º T		1º T	2º T	3º T	4º T	
Var. Trimestral	1,5	-11,8	-5,0	-18,9		-10,2	13,3			
Var. Homóloga	-17,5	-29,5	-30,1	-31,1		-39,0	-21,6			

Fonte: dados cedidos ao InCI pelas principais empresas portuguesas no setor

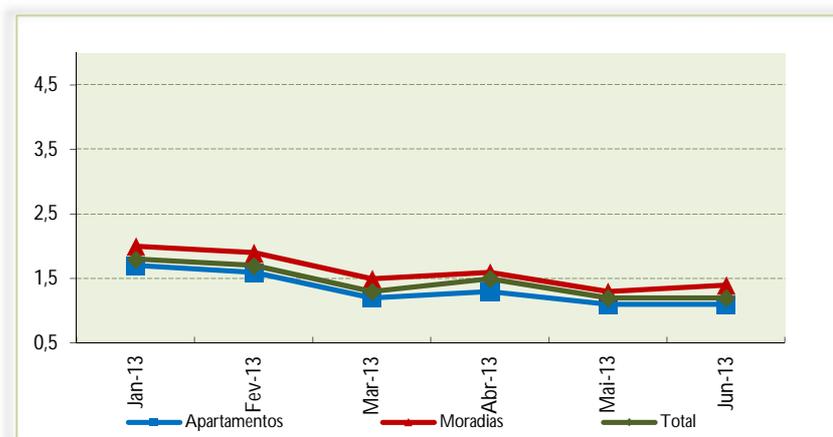
Os dados disponibilizados pelas principais empresas do setor permitem analisar o quadro de vendas de cimento para o mercado interno, verificando-se uma descida acentuada nas vendas, quer em termos trimestrais quer homólogos, para os 2 trimestres de 2013. Este cenário justifica-se pela menos boa *performance* que o sector tem vindo a revelar nos últimos dois anos.

## 2.7. Índice de custos de construção

Segundo dados disponibilizados pelo INE, o índice de custos de construção de habitação nova registou em junho de 2013 uma variação homóloga de 1,2%, taxa idêntica à observada em maio.

Por tipo de construção, as taxas de variação homóloga dos índices relativos a Apartamentos e Moradias registaram 1,1% (taxa idêntica à observada em maio) e 1,4% (1,3% em maio) respetivamente.

Gráfico 13 – Índice de custos de construção de habitação nova (variação homóloga %)

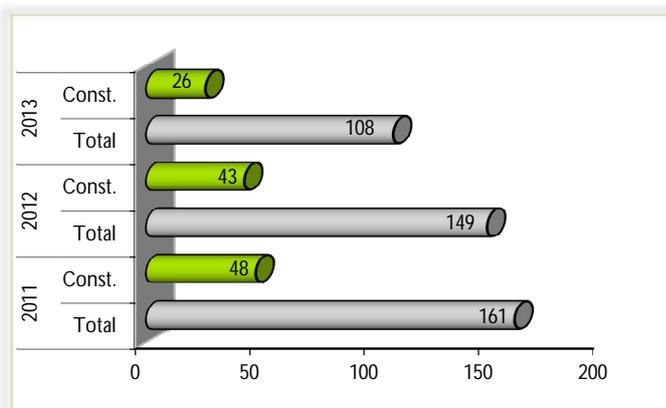


Fonte: INE

## 2.8. Segurança no trabalho

Segundo informação da Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), tem vindo a diminuir o número de acidentes de trabalho no sector da construção. De 2012 para 2011 verificou-se menos 5 vítimas. Refira-se que em relação a 2013, os dados estão atualizados a outubro de 2013.

Gráfico 14 – Número de acidentes de trabalho mortais



Fonte: ACT

### 3. O TECIDO EMPRESARIAL DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

#### 3.1. Títulos válidos a 30 de junho

A atividade da construção é regulamentada por lei (DL n.º12/2004, de 9 de Janeiro, com as alterações introduzidas pelo DL n.º69/2011 de 15 de Junho), sendo necessário para o seu exercício a titularidade de um habilitação (alvará ou título de registo), emitida pelo InCI.

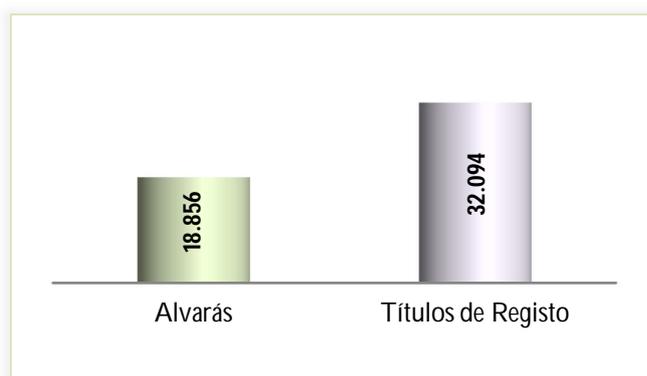
Consoante a classe do alvará de que é titular uma empresa de construção, assim se determina o valor limite das obras que poderá executar, de acordo com as categorias e subcategorias constantes na Portaria n.º 19/2004, de 10 de janeiro. Para 2012<sup>4</sup> vigoraram os limites que constam do quadro seguinte:

Quadro 7 – Classes de alvarás

Classe das Habilitações	2011/2012/2013
1	166.000 €
2	332.000 €
3	664.000 €
4	1.328.000 €
5	2.656.000 €
6	5.312.000 €
7	10.624.000 €
8	16.600.000 €
9	Acima de 16.600.000 €

No final de junho de 2013, existiam no setor da construção 18.856 empresas habilitadas com Alvará e 32.094 com Título de Registo.

Gráfico 15 – Títulos habilitantes válidos a 30 de Junho de 2013



Fonte: InCI

<sup>4</sup> A Portaria n.º 119/2012, de 30 de abril, (retificada pelas Declarações de Retificação n.º 25/2012, de 23 de maio e n.º 27/2012 de 30 de maio), estabelece a correspondência entre as classes e os valores das obras que os titulares de Alvará ficam autorizados a executar.

Apesar da crise que o setor atravessa, o número de alvarás válidos tem-se mantido relativamente estável, ainda que com uma tendência de descida. Em relação a 31 de dezembro de 2012, a variação no número de alvarás válidos foi de -12,7%. Refira-se que a comparação estabelecida é entre o 1º semestre de 2013 e o ano de 2012.

Situação semelhante se verifica quanto ao número de títulos de registo, que também diminuiu de 34.380 em dezembro de 2012 para 32.094 no 1º semestre de 2013, com uma variação de -6,6%.

### 3.1.1. Distribuição por classe de alvarás

Relativamente à distribuição de alvarás por classes, verificou-se um decréscimo mais acentuado de empresas classificadas na classe 1, 3 e 6.

Quadro 8 – Distribuição do número de empresas por classe de alvará

Classes	Dezembro de 2012	Junho de 2013	Var. 2013/2012
Classe 1	12.690	11.366	-10,4%
Classe 2	3.156	2.936	-6,9%
Classe 3	2.143	1.890	-11,8%
Classe 4	1.427	1.260	-11,7%
Classe 5	996	913	-8,3%
Classe 6	284	252	-11,2%
Classe 7	119	109	-8,4%
Classe 8	41	43	4,8%
Classe 9	100	87	-13,0%
<b>Total</b>	<b>20.956</b>	<b>18.856</b>	<b>-11,03</b>

Fonte: InCI

Em junho de 2013, cerca de 60,2% (11.366) das empresas registadas, eram detentoras de alvará em classe 1.

Salienta-se ainda o fato de as classes 1 e 2 representarem cerca de 75,8% do mercado, ou seja,  $\frac{3}{4}$  das empresas de construção.

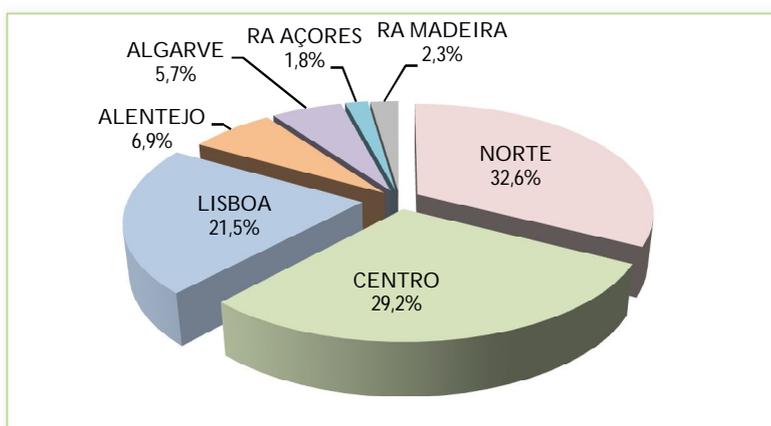
A classe 9 foi a que apresentou uma maior variação (-13,0%) em relação a 2012, passando de 100 para 87 empresas.

### 3.1.2. Distribuição geográfica

Relativamente à distribuição geográfica (NUT II), verifica-se que as Regiões do Norte e do Centro detêm o maior número de empresas com alvará, respetivamente 32,6% e 29,2%.

Por classificação distrital, Lisboa detém a maior parcela de empresas detentoras de alvará, cerca de 18,7% do total do país, logo seguida do Porto, com cerca de 13,6%.

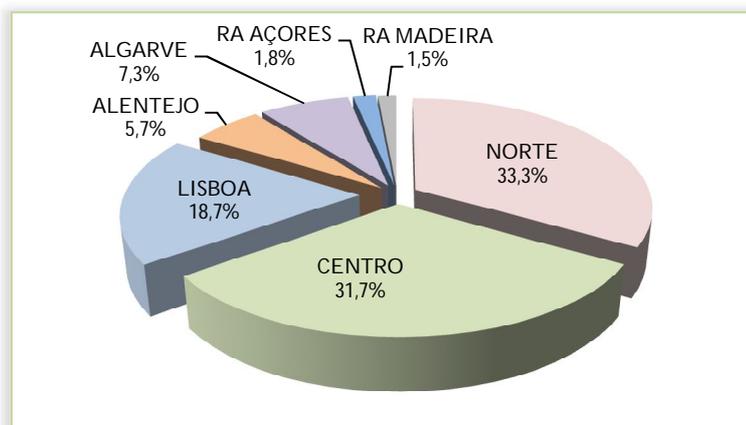
Gráfico 16 – Distribuição de Alvarás por Região NUT II (junho de 2013)



Fonte: InCI

Situação idêntica na distribuição geográfica para as empresas detentoras de título de registo. O Norte é detentor de 33,3% dos títulos de registo e o Centro, de 31,7%. Na distribuição por distritos Lisboa detém cerca 15,6% e o Porto detém cerca de 13,7% de empresas detentoras de título de registo.

Gráfico 17 – Distribuição de Títulos de Registo por Região NUT II (junho de 2013)



Fonte: InCI

## 4. SÍNTESE

Em Portugal o 1º semestre de 2013, volta a registar uma significativa contração na atividade económica, não se perspetivando, por enquanto, com segurança, o fim da recessão.

Segundo o Banco de Portugal, a atividade na área do euro continua fraca, existindo sinais tímidos de recuperação. As condições económicas de dois dos principais parceiros comerciais de Portugal, Espanha e Alemanha não se preveem por enquanto sinais positivos. Espanha deverá permanecer em recessão e Alemanha deverá continuar a crescer a uma taxa reduzida.

Algumas economias de grande dimensão da área do euro, designadamente França, Itália e Países Baixos deverão registar uma contração em 2013.

Nos EUA a atividade económica deverá crescer 1,9% em 2013 impulsionada pela recuperação da procura privada.

Também o PIB chinês, após uma recuperação no final de 2013, reduziu-se significativamente no primeiro semestre de 2013.

O setor da construção, que se caracteriza como barómetro da economia nacional, sente fortemente os efeitos desta crise, tendo visto a sua situação degradar-se, nomeadamente quanto ao volume de negócios e, conseqüentemente, quanto ao seu contributo para o investimento nacional, face ao peso que esta indústria representa no mercado nacional de emprego.

A continuação da retração do investimento privado, bem como as restrições de natureza orçamental, que impõem contenção na despesa pública e, inevitavelmente, também no investimento público, afetam negativamente a dimensão do mercado interno da construção.

O mercado de trabalho, à semelhança da atividade económica tem vindo a deteriorar-se na última década, manifestando-se por uma forte quebra do nível do emprego, num aumento estrutural da taxa de desemprego bem como na diminuição da população ativa.

## 5. FONTES ESTATÍSTICAS

Variáveis e fontes			
Nível	Variável	Fonte	
Envolvente Macroeconómica	PIB	INE	
	FBCF		
	VAB		
	Consumo Privado		
	Índice de Preços no Consumidor		
	Emprego e Desemprego	INE, IEFP	
	Défice Orçamental	Banco de Portugal	
Setor da Construção	Mercado em Portugal	Obras Particulares: Licenciadas e Concluídas	INE
		Índice de Produção na Construção e Obras Públicas	INE
		Vendas de Cimento para o mercado externo	Cimpor, Secil
		Índice de Custo de Construção de Habitação Nova	INE
		Acidentes de Trabalho	ACT
		Taxa de Juro implícita no crédito à habitação	INE
		Valores de avaliação bancária	
	Tecido Empresarial	Alvarás e Títulos de Registo	InCI
		Indicadores económico-financeiros das empresas inscritas no InCI	
	Macro-enquadramento Europa	Variação da Produção de Edifícios Residenciais e Não Residenciais	Euroconstruct
		Variação da Produção de Obras de "Engenharia Civil"	